

TARA WESTOVER

# A menina *da* montanha

A trajetória real da americana que pisou numa sala de aula pela primeira vez aos 17 anos até a conquista do doutorado em Cambridge

Tradução de  
Angela Lobo de Andrade

**ROCCO**

## PRÓLOGO

**E**stou no vagão vermelho que jaz abandonado ao lado do celeiro. O vento sopra forte, batendo meus cabelos contra o rosto e jogando friagem pela gola aberta da minha camisa. Aqui, tão perto da montanha, a ventania é intensa, como se o próprio pico estivesse soprando. Lá embaixo o vale está calmo, imperturbado. Mas nossa fazenda dança: as pesadas coníferas balançam devagar, as sálvias e os cardos tremem, vergando diante de toda rajada de vento e bolsão de ar. Atrás de mim a encosta se adianta suavemente para o topo e se estica para baixo até o pé da montanha. Olhando para cima, vejo a forma escura da Princesa Índia.

A encosta é coberta de trigo-selvagem. Se as coníferas e as sálvias são solistas, o campo de trigo é um corpo de baile, cada haste acompanhando todas as outras em movimentos rítmicos, milhões de bailarinas se curvando, uma após a outra, quando grandes lufadas amassam suas cabeças douradas. A forma das marcas das lufadas dura apenas um momento, e é o único jeito de ver o vento.

Voltando-me para olhar nossa casa na encosta, há movimentos diferentes, sombras altas enfrentando rijamente o vendaval. Meus irmãos estão acordados, vendo como está o tempo. Imagino minha mãe junto ao fogão, curvada sobre as panquecas de farelo. Vejo meu pai agachado na porta dos fundos, amarrando suas botas de ponteira metálica e enfiando as mãos calosas nas luvas de trabalho. Na rodovia lá embaixo o ônibus escolar passa e não para.

Tenho apenas 7 anos, mas compreendo que esse fato, mais que qualquer outro, é o que torna minha família diferente: nós não vamos à escola.

Papai teme que o governo nos obrigue a ir, mas isso é impossível, porque nem sabe de nós. Quatro dos sete filhos de meus pais não têm certidão

de nascimento. Não temos uma ficha médica, porque nascemos em casa e nunca fomos atendidos por médico nem enfermeira.\* Não temos registro escolar, porque nunca pisamos numa sala de aula. Quando eu tiver 9 anos, terei uma Certidão Tardia de Nascimento, mas por enquanto, para o estado de Idaho e o governo federal, eu não existo.

É claro que eu existia. Cresci sendo preparada para os Dias da Abominação, à espera de o sol escurecer e a lua pingar como se fosse de sangue. Passei cada verão guardando pêssegos em conserva e cada inverno fazendo o rodízio de mantimentos. Quando o Mundo dos Homens sucumbisse, minha família continuaria, inabalável.

Fui educada nos ritmos da montanha, ritmos em que a mudança não era fundamental, mas cíclica. Todo dia o mesmo sol aparecia de manhã, varria o vale e descia atrás do pico. A neve que caía no inverno sempre derretia na primavera. Nossa vida era um ciclo – o ciclo do dia, o ciclo das estações –, círculos de mudança perpétua que, uma vez completos, significavam que nada tinha mudado. Eu acreditava que minha família fazia parte desse padrão, que éramos, em certo sentido, imutáveis. Mas a eternidade pertencia somente à montanha.

Meu pai contava uma história sobre o pico. Era uma coisa antiga e grandiosa, uma montanha-catedral. A cordilheira tinha outras montanhas, mais altas, mais imponentes, mas o Buck's Peak era o mais finamente elaborado. Sua base se estendia por mais de um quilômetro, sua forma escura vinha inchando da terra e se elevava num perfeito pináculo. A distância, tinha-se a impressão de um corpo de mulher na face da montanha, com as pernas formadas por imensas ravinas, os cabelos um spray de pinheiros se espalhando sobre a crista norte. Sua postura era resoluto, uma perna avançando num movimento poderoso, mais uma passada larga que um simples passo.

Meu pai a chamava de Princesa Índia. Todo ano, quando a neve começava a derreter, ela aparecia de frente para o sul, olhando os búfalos retornando ao vale. Papai dizia que os índios nômades aguardavam o ressurgimento dela como um sinal da primavera, do degelo da montanha, do fim do inverno e da hora de voltar para casa.

---

\* A não ser minha irmã Audrey. Ela quebrou um braço e uma perna quando era mais nova e teve que colocar gesso.

Todas as histórias de meu pai eram sobre nossa montanha, nosso vale, nosso pedacinho recortado em Idaho. Ele nunca me disse o que fazer se eu fosse embora da montanha, se atravessasse mares e continentes e me encontrasse em terras estranhas, onde eu não conseguiria mais ver a Princesa no horizonte. Nunca me disse como saber que era hora de ir para casa.



# PARTE UM



## Capítulo 1

# Escolher o bem

**M**inha recordação mais forte não é uma lembrança. É algo que imaginei e depois vim a recordar como se tivesse acontecido. Essa lembrança se formou quando eu tinha 5 anos, pouco antes de fazer seis, e vinha de uma história que meu pai contou com tantos detalhes que eu, meus irmãos e minha irmã, cada um de nós criou sua própria versão cinematográfica, com gritaria e tiroteio. Minha versão tinha grilos. É o som que escuto enquanto minha família toda está reunida na cozinha, luzes apagadas, escondida da polícia federal, os Feds, que cercavam a casa. Uma mulher tenta pegar um copo d'água, e sua silhueta se destaca sob a luz da lua. Um tiro ecoa com um barulho de açoite e ela cai. Em minha lembrança, é sempre minha mãe que cai, e ela está com um bebê nos braços.

A presença do bebê não faz sentido – eu sou a mais nova dos sete filhos de mamãe –, mas, como falei, nada disso aconteceu.

**U**ma noite, um ano depois que meu pai nos contou essa história, estávamos reunidos para ouvi-lo ler, em Isaías, uma profecia sobre Emanuel. Sentado no sofá cor de mostarda, ele tinha uma grande Bíblia no colo. Minha mãe se encontrava ao lado dele. Nós estávamos espalhados pelo velho tapete marrom surrado.

– Manteiga e mel ele comerá – papai entoou em voz baixa e monótona, cansado de um longo dia recolhendo sucata. – Que ele saiba recusar o mal e escolher o bem.

Houve uma pausa pesada. Ficamos em silêncio.

Meu pai não era um homem alto, mas era muito capaz de se impor. Tinha uma presença forte e a solenidade de um oráculo. Suas mãos eram grossas e rijas, as mãos de quem trabalhara duro a vida inteira, e seguravam com firmeza a Bíblia.



Leu a passagem pela segunda vez, depois uma terceira e uma quarta. A cada repetição, seu tom de voz ficava mais alto. Seus olhos, momentos antes inchados de fadiga, agora estavam bem abertos, alertas. Havia uma doutrina divina ali, ele disse, e ia perguntar ao Senhor.

Na manhã seguinte, papai tirou da geladeira todo o leite, o iogurte e o queijo, e à tarde chegou em casa com o caminhão carregado de cinquenta galões de mel.

– Isaías não diz o que é do mal, se a manteiga ou o mel – papai disse, rindo, enquanto meus irmãos carregavam os galões para o porão. – Mas, se perguntarem, o Senhor vai lhes dizer!

Quando papai leu o versículo para sua mãe, ela riu na cara dele.

– Tem uns trocados na minha bolsa – ela disse. – Melhor pegar. É só o que vale o seu juízo.

Vovó tinha um rosto magro, anguloso, e um enorme acervo de bijuterias índias, de prata e turquesa, que pendiam em borbotões de seu pescoço espigado e de seus dedos magros. Como ela morava no pé da montanha, perto da rodovia, a gente a chamava de vovó-lá-de-baixo. Isso a diferenciava da mãe de mamãe, chamada de vovó-da-cidade, que morava 25 quilômetros ao sul, na única cidade do condado, onde havia um único sinal de trânsito e um armazém.

Papai e a mãe dele se relacionavam como dois gatos de rabo amarrado um no outro. Podiam passar uma semana conversando sem concordar em coisa nenhuma, mas estavam presos por sua devoção à montanha. A família de meu pai vivia havia um século na base do Buck's Peak. As filhas de vovó tinham se casado e mudado, e meu pai permaneceu. Construiu uma casinha amarela que nunca ficou pronta, pouco acima da casa de vovó, localizada no pé da montanha, e instalou ali um ferro-velho – um dos muitos –, justo ao lado do bem-cuidado gramado da mãe.

Discutiam diariamente sobre a bagunça do ferro-velho, mas principalmente sobre as crianças. Vovó achava que devíamos ir à escola, e não, como ela dizia, “ficar correndo pela montanha como selvagens”. Papai falava que a escola pública era uma tática do governo para afastar as pessoas de Deus.

– Prefiro entregar meus filhos ao Demônio a mandá-los para essa escola – ele dizia.

Deus disse ao meu pai que divulgasse a revelação entre as pessoas que moravam por ali e tinham fazendas à sombra do Buck's Peak. Aos domingos, todos iam à igreja, uma capela cor de noz ao lado da rodovia, com um pequeno campanário acanhado, comum às igrejas mórmons. Na saída, papai cercava os pais de família. Começou com seu primo Jim, que escutou bem-humorado enquanto papai brandia a Bíblia anunciando os pecados do leite. Jim riu e deu um tapinha nas costas de papai, dizendo que nenhum Deus do bem iria privar alguém, em uma tarde de verão, de um sorvete de morango feito em casa. A esposa de Jim o puxou pelo braço. Quando ele passou por nós, senti um leve cheiro de esterco. E então me lembrei de que a grande fazenda de gado leiteiro, logo ao norte do Buck's Peak, era de Jim.

Depois que papai começou a pregar contra o leite, vovó encheu a geladeira dela. Ela e vovô só bebiam desnatado, mas logo havia todo tipo de leite, semidesnatado, integral e até com chocolate. Ela parecia acreditar que era uma linha de ação importante.

O café da manhã passou a ser um teste de lealdade. Minha família se sentava ao redor de uma grande mesa reformada, de carvalho vermelho, e comia cereais matinais de sete grãos com mel e melado ou panquecas de sete grãos também acompanhadas de mel e melado. Como éramos nove, as panquecas nunca ficavam totalmente no ponto. Eu não me importava de comer o cereal se pudesse ser com leite, deixando a nata grudar nos grãos e amolecer os flocos, mas desde a revelação ele era servido com água. Parecia que eu estava comendo uma tigela de lama.

Não demorei a pensar naquele leite todo se estragando na geladeira da vovó. Então passei a pular o café da manhã e ir direto para o celeiro. Dava a lavagem aos porcos, enchia os cochos das vacas e dos cavalos, depois pulava a cerca do curral, rodeava o celeiro e descia até a porta lateral da casa da vovó.

Numa dessas manhãs, quando eu estava sentada no banco alto do balcão vendo vovó encher uma tigela de flocos de milho, ela perguntou:

- O que você acha de ir à escola?
- Eu não iria gostar – respondi.
- Como você sabe? Nunca experimentou – ela falou, ríspida.

Ela pôs o leite, me deu a tigela, se debruçou no balcão bem na minha frente e ficou observando enquanto eu enfiava colheradas cheias na boca.

– Amanhã nós vamos para o Arizona – ela disse, mas eu já sabia.

Ela e vovô sempre iam para o Arizona quando o tempo começava a virar. Vovô dizia que estava muito velho para os invernos de Idaho, tinha dor nos ossos.

– Acorde bem cedo amanhã – disse vovó –, lá pelas cinco horas, e levamos você conosco. Vai entrar para a escola.

Estremeci no banco alto. Tentei imaginar uma escola, mas não consegui. O que vi foi a escola dominical que eu frequentava toda semana e odiava. Um menino chamado Aaron contou a todas as meninas que eu não sabia ler porque não ia à escola, e agora nenhuma delas falava comigo.

– O papai deixou? – perguntei.

– Não. Mas já estaremos longe quando ele sentir a sua falta.

Ela pôs a minha tigela na pia e ficou olhando pela janela.

Vovó era uma força da natureza, impaciente, agressiva, segura de si. Ao olhar para ela, as pessoas recuavam. Tingia os cabelos de preto, o que intensificava suas feições severas, especialmente as sobrancelhas, pintadas todas as manhãs em grossos arcos negros. Ela as pintava tão grandes que seu rosto parecia ter sido esticado. E altas demais, de modo que davam aos traços do rosto uma expressão de tédio, quase de sarcasmo.

– Você deveria estar na escola – ela disse.

– O papai não vai obrigar você a me trazer de volta?

– O seu pai não pode me obrigar a coisa nenhuma.

Vovó ficou de pé, se endireitando, e continuou:

– Se quiser, ele que vá lá buscar você.

Ela hesitou e, por um instante, pareceu envergonhada.

– Eu conversei com ele ontem. Ele não vai poder buscar você tão cedo porque ainda está construindo aquele galpão na cidade. Não vai poder arrumar tudo e dirigir até o Arizona, pelo menos enquanto o tempo estiver firme e ele e os garotos puderem trabalhar o dia inteiro.

O golpe da vovó era bem planejado. Papai sempre trabalhava do nascer ao pôr do sol nas semanas que antecediam as primeiras neves, recolhendo sucata e construindo celeiros a fim de arrumar dinheiro para atravessar o inverno, quando havia escassez de trabalho. Mesmo se a mãe dele fugisse com sua filha caçula, ele só poderia parar de trabalhar quando a empilhadeira estivesse incrustada no gelo.

– Eu preciso alimentar os animais antes de ir – disse. – Ele com certeza vai notar que eu fui embora se as vacas arrebentarem a cerca procurando água.

**N**ão dormi naquela noite. Fiquei sentada no chão da cozinha, vendo as horas passar. Uma da madrugada. Duas. Três.

Às quatro me levantei e deixei as botas na porta dos fundos. Estavam cheias de esterco, e vovó não iria me deixar entrar no carro assim. Imaginei as botas abandonadas na varanda da casa dela enquanto eu fugia descalça para o Arizona.

Imaginei o que aconteceria quando dessem pela minha falta. Meu irmão Richard e eu costumávamos passar o dia todo na montanha, portanto era provável que ninguém notasse até o pôr do sol, quando Richard chegasse em casa para jantar e eu não. Imaginei meus irmãos abrindo a porta e saindo para me procurar. Primeiro, iriam ao pátio do ferro-velho, levantando placas de ferro caso alguma folha de metal tivesse escorregado e me machucado. Depois percorreriam a fazenda, subindo em árvores e no sótão do celeiro. Por fim, procurariam na montanha.

Então já teria passado o lusco-fusco, aquele momento logo antes da caída da noite, quando a paisagem é visível apenas como escuridão e menos escuridão, e a gente mais sente do que vê o mundo em volta. Imaginei meus irmãos se espalhando pela montanha, procurando nas matas escuras. Nenhum deles falava, todos tinham o mesmo pensamento. Coisas horríveis podiam acontecer na montanha. Penhascos surgiam de repente. Cavalos soltos, que pertenciam ao meu avô, corriam selvagens em bancos espessos de cicuta-aquática, e havia muitas cascavéis. Nós tínhamos feito essa busca antes, quando demos falta de um bezerro no estábulo. No vale, o animal estaria ferido; na montanha, morto.

Imaginei mamãe na porta dos fundos, com o olhar percorrendo a crista da montanha quando meu pai chegasse dizendo que não tinham me achado. Minha irmã, Audrey, diria para alguém perguntar à vovó, e mamãe falaria que vovó havia ido para o Arizona. Essas palavras ficariam pairando no ar por um momento, e então todos saberiam para onde eu tinha ido. Imaginei a cara de meu pai, apertando os olhos escuros, a boca se franzindo e perguntando a minha mãe:

– Você acha que ela quis ir?

Sua voz ecoou baixa e pesarosa. Então foi afogada pelos sons de outra lembrança conjurada: grilos, depois tiroteio e silêncio.

O evento era conhecido, segundo eu soube depois – como o massacre de Wounded Knee ou o cerco de Waco –, mas, quando meu pai nos contou a história, era como se ninguém no mundo soubesse, além de nós.

Começou perto do fim da estação de fazer compotas, que outras crianças provavelmente chamavam de “verão”. Minha família sempre passava os meses quentes estocando frutas em potes, porque papai dizia que iríamos precisar nos Dias da Abominação. Naquela noite, papai chegou irrequieto do ferro-velho. Ficou andando pela cozinha e mal comeu. Tínhamos que deixar tudo em ordem, ele falou. O tempo era curto.

Passamos o dia seguinte descascando e fervendo pêssegos. No fim do dia, enchemos dezenas de potes Mason, que foram arrumados em fileiras perfeitas, ainda quentes da panela de pressão. Papai supervisionou os trabalhos, contando os potes, murmurando para si mesmo, e falou com mamãe:

– Não é suficiente.

Naquela noite, papai convocou uma reunião de família. Nos sentamos em volta da mesa da cozinha, que era comprida e larga, com espaço para todos nós. Ele falou que tínhamos o direito de saber o que estávamos enfrentando. Ficou de pé à cabeceira da mesa, e nós encarapitados nos bancos, de olhos fixos nas tábuas de carvalho vermelho.

– Não longe daqui há uma família – papai disse – que luta pela liberdade. Eles não deixam o governo fazer lavagem cerebral nos filhos em escolas públicas, e os Feds foram atrás deles.

Papai respirou longa e lentamente.

– Os policiais cercaram o chalé, mantiveram a família trancada lá durante semanas, e quando uma criança com fome, um menino pequeno, saiu escondida para ir caçar, eles a mataram a tiros.

Olhei para meus irmãos. Nunca antes eu tinha visto medo em Luke.

– Eles ainda estão no chalé – disse papai. – Ficam com as luzes apagadas e se arrastam pelo chão, longe de portas e janelas. Não sei quanta comida eles ainda têm. Talvez morram de fome antes que os policiais desistam.

Ninguém falou nada. Então Luke, que tinha 12 anos, perguntou se podíamos ajudar.

– Não – disse papai. – Ninguém pode. Eles estão presos na própria casa. Mas eles têm armas, e pode apostar que é por isso que os policiais não a invadiram.

Papai fez uma pausa para se sentar, curvando-se até o banco baixo em movimentos lentos, rígidos. A meus olhos, ele pareceu velho, gasto.

– Não podemos ajudá-los, mas podemos nos ajudar. Quando os policiais vierem ao Buck's Peak, estaremos prontos.

Naquela noite, papai veio arrastando do porão uma pilha de velhos sacos do exército. Disse que eram nossos sacos “para as montanhas”. Passamos a noite ensacando suprimentos, ervas medicinais, purificadores de água, pederneira e aço. Papai havia comprado um carregamento de RPCs – Refeições-Prontas-para-Comer –, e pusemos tudo o que cabia em cada saco, imaginando o momento em que, fugidos de casa e escondidos nas ameixeiros silvestres perto do riacho, iríamos comê-las. Alguns dos meus irmãos guardaram revólveres, mas eu só tinha um canivete, e mesmo assim meu saco já estava da minha altura quando terminamos. Pedi a Luke para guardá-lo numa prateleira do meu armário, mas papai me disse para deixar num lugar mais baixo, onde eu pudesse pegar depressa, e então passei a dormir com o saco na cama.

Comecei a treinar sair correndo com o saco nas costas. Eu não queria ser deixada para trás. Imaginei nossa fuga, uma corrida à meia-noite para ficar a salvo na Princesa. Entendi que a montanha era nossa aliada. Era gentil com aqueles que a conheciam, mas era pura traição para com intrusos, o que nos dava vantagem. Mas, se iríamos nos abrigar na montanha quando os policiais chegassem, eu não entendia por que tínhamos feito tantas conservas de pêssegos. Não poderíamos carregar mil potes pesados até o pico. Ou precisávamos dos pêssegos para ficarmos entrincheirados em casa, como os Weaver, e lutar?

Uma luta parecia provável, especialmente alguns dias depois, quando papai chegou em casa com mais de uma dúzia de rifles excedentes do exército, a maioria SKS, cada um com a fina baioneta prateada dobrada cuidadosamente sob o cano da arma. Vieram em longos estojos de metal, besuntados de Cosmoline, uma substância marrom com consistência de banha, que precisava ser retirada. Depois de limpar as armas, meu irmão Tyler escolheu uma, colocou sobre um plástico preto, enrolou e selou com metros e metros de fita adesiva prateada. Apoiando o embrulho no om-

bro, ele desceu a encosta e o largou junto ao vagão vermelho. Em seguida, começou a cavar. Quando o buraco estava bem largo e fundo, colocou lá o rifle e cobriu de terra, seus maxilares apertados e os músculos saltando com o esforço.

Pouco depois papai comprou uma máquina de fazer balas usando cartuchos vazios. Disse que agora poderíamos ficar mais tempo resistindo. Pensei no saco “para as montanhas”, à espera em minha cama, no rifle escondido perto do vagão, e fiquei preocupada com a máquina de fazer balas. Ela era volumosa e ficou assentada sobre uma base de ferro no porão. Se fôssemos apanhados de surpresa, não teríamos tempo de pegá-la. Imaginei se não seria melhor enterrar a máquina também, junto com o rifle.

Continuamos estocando pêssegos. Não me lembro de quantos dias se passaram nem de quantos potes guardamos até papai nos contar mais daquela história.

– Randy Weaver foi baleado – ele falou, com a voz baixa e errática. – Saiu do chalé para pegar o corpo do filho, e os policiais atiraram nele.

Eu nunca tinha visto meu pai chorar, mas agora as lágrimas caíam num fluxo contínuo pelo nariz. Ele não as enxugava, só as deixava pingar na camisa.

– A esposa dele ouviu o tiro e correu para a janela, com o bebê no colo. Então veio o segundo tiro.

Mamãe estava sentada com os braços cruzados, uma das mãos no peito e a outra cobrindo a boca. Fixei os olhos no linóleo salpicado enquanto papai contava que o bebê foi tirado dos braços da mãe com o rosto coberto pelo sangue dela.

Até aquele momento, uma parte de mim *queria* que os policiais viessem, ansiava pela aventura. Agora eu sentia medo de verdade. Imaginei meus irmãos agachados no escuro, o suor fazendo as mãos escorregarem no rifle. Imaginei mamãe, cansada e com sede, se afastando da janela. E também a mim deitada no chão, imóvel e muda, ouvindo o cricrilhar agudo dos grilos lá fora. Então vi mamãe se levantar e ir para a torneira da cozinha. Um flash branco, um barulhão de tiro, e ela caiu. Levantei-me de um salto para pegar o bebê.

Papai nunca nos contou o fim da história. Não tínhamos TV nem rádio, e por isso talvez ele também nunca tenha sabido o final. A última coisa que o ouvi dizer a respeito foi: “Da próxima vez, podemos ser nós.”

Aquelas palavras me acompanharam. Eu escutava seu eco no cricrilar dos grilos, no esguicho dos pêssegos caindo no pote, no ruído metálico do SKS sendo polido. Ouvia toda manhã quando passava pelo vagão de trem e parava sobre as ervas e cardos crescendo onde Tyler tinha enterrado o rifle. Muito tempo depois de papai ter esquecido a revelação em Isaías, e de mamãe ter voltado a encher a geladeira de garrações de leite integral, eu ainda me lembrava dos Weaver.

**E**ra quase cinco da manhã.

Voltei ao meu quarto, a cabeça cheia de grilos e tiros. No beliche de baixo, Audrey ressonava, um zumbido baixo e satisfeito que me convidava a fazer o mesmo. Em vez disso, subi para minha cama, cruzei as pernas e fiquei olhando pela janela. Cinco horas. Depois seis. Às sete vovó apareceu, ficou andando pra lá e pra cá no pátio, voltando o olhar a todo instante na direção de nossa casa. Em seguida, ela e vovô entraram no carro e pegaram a rodovia.

Quando o carro sumiu de vista, desci da cama e comi uma tigela de farelo com água. Lá fora fui recebida por Kamikaze, o bode de Luke, mordiscando minha camisa enquanto eu ia para o celeiro. Passei pelo kart que Richard estava construindo a partir de um cortador de grama velho. Dei a lavagem aos porcos, enchi o cocho e levei os cavalos de vovô para outro pasto.

Quando terminei, subi no vagão e olhei para o vale. Era fácil fingir que ele estava em movimento, indo embora, e a qualquer momento o vale iria desaparecer atrás de mim. Eu ficava horas repassando essa fantasia na cabeça, mas hoje o filme não rodava. Virei na direção oeste, para longe dos campos, de frente para o pico.

A Princesa era sempre mais brilhante na primavera, logo que as coníferas emergiam da neve, com suas agulhas verdes parecendo quase negras contra os marrons amarelados da terra e dos troncos rugosos. Agora era outono. Eu ainda podia vê-la, mas estava esmaecida, os vermelhos e amarelos do verão que morria camuflavam sua forma escura. Em breve iria nevar. No vale, a primeira neve derreteria, mas na montanha ainda permanecia, enterrando a Princesa até a primavera, quando ela reaparecia, vigilante.